



ENTRELINHAS DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Henrique Campos Simões

Quantas linhas podem ser lidas entre as linhas da Carta de Pero Vaz de Caminha?

Para responder a esta pergunta, torna-se necessário um olhar da compreensão da cultura de uma outra época. A chegada dos portugueses ao Brasil, sem dúvida, foi um momento raro e histórico, de encontro de pessoas e culturas extremamente diferentes e estranhas entre si. O dever do Escrivão Pero Vaz de Caminha não se sobrepôs ao olhar da curiosidade, do encantamento e do espanto, carregado de tudo o quê o observador português tinha em seu universo cultural de preconceito, de crenças e de ideologia.

Caminha era um representante característico da burguesia semi-nobre, profissional experiente, acostumado a narrar com precisão. Revelou, com sua Carta, uma visão de mundo de um ser humano coerente com o seu tempo e influenciado pelo seu momento sócio-cultural. O homem é, sem dúvida, o assunto predominante no relato do escrivão, sem desmerecer a quantidade de variadas informações que poderiam ter (ou terão) oportunas abordagens de

análise.

Para maior compreensão desse documento tido como a *certidão de batismo do Brasil*, é preciso conhecer os costumes, a moral, os preconceitos, os preceitos da religião imperativa e dominante e, principalmente, a cobiça do branco luso - força maior do destemor e coragem que fizeram os portugueses lançarem-se ao mar desconhecido.

ainda que narre como o pior de todos, tome Vossa Alteza a minha ignorância por boa vontade...

Veio do mar um punhado de competentes navegantes aventureiros (uns poucos nobres, comerciantes, jovens grumetes, aprendendo a arte de navegar) e, uma grande massa de tripulantes e soldados, recrutados ou engajados pela cobiça que sobrepujava o medo do desconhecido, entremeados de delinquentes de toda espécie de contravenção e alguns religiosos, tentando a ordem e a moralidade à bordo, sob os princípios da igreja e o tacão do pecado e da inquisição. 1500 homens.

E assim seguimos o nosso caminho por este mar de longo...

22 de abril de 1500. Avistaram-se os homens do mar e os da terra. 23 de abril, dia seguinte, encontraram-se. Portugueses curiosos, espantados e temerosos. Por experiência que tinham de África, sabiam que aquelas varas, compridas e pontiagudas que os da terra brandiam, eram armas - arcos e flechas. Tinham que demonstrar serem de paz e, ao mesmo tempo, estrategicamente, precisavam desarmá-los.

Nicolau Coelho fez sinal para que pousassem os arcos, e eles pousaram..

E, na praia, os homens da terra estavam curiosos, mas não temerosos. Homens brancos, com as caras cheias de pelos e os corpos cobertos com coisas estranhas, chegavam à praia em pequena canoa, saída de grandes canoas cheias de pano. Sem receio, entenderam o gesto de paz e colocaram os arcos e flechas na areia.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas, traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos em direção ao batel.

Vergonhas, que vergonhas tinham os homens da terra? De quem? Do quê?

Os da terra tinham os seus hábitos, sua língua, suas divindades, sua cultura. Viviam em comunhão direta e constante com a natureza. Não cobriam o corpo, pois o natural não lhes era desconfortável. Se dormiam na mata, limpavam um pedaço de chão, cobriam-no com folhagem; esfregando dois gravetos, faziam fogo e dormiam com os pés perto do calor das brasas e labaredas. O resto dos corpos podiam receber vento e chuva que não lhes tirava o sono. Quando em aldeias, as casas (ocas) eram grandes e compridas, feitas de fortes caibros e fibras entrelaçadas e cobertas de folhas de palma; eram tão grandes que cabiam, em cada, 140 a 160 pessoas. Não tinham roupas ou cobertas, dormiam em redes e o fogo embaixo delas os aquecia. Os casais dormiam pés de um, virados para a cabeça do outro. Os principais da tribo, por terem várias mulheres, dormiam sozinhos numa rede. Quando lhes apetecia, iam para a rede de quem escolhiam, e os outros só invertiam o corpo. Não se importavam se eram vistos ou ouvidos, tudo lhes era natural.

de bons rostos e bom narizes, bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura. Não fazem caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas. E o

fazem com tanta inocência como mostram o rosto.

E os homens do mar? Portugal tinha sua cultura sob a inflexível moral da igreja de Roma, sob o temor da inquisição. O pudor e o conceito de pecado faziam com que homens e mulheres, desde o nascimento, não tivessem a oportunidade de se verem ao natural, nus. Casavam-se, procriavam, mas não tinham a naturalidade de se olharem. O medo do inferno, das penitências e castigos encobriam a sensualidade. Nem para os marinheiros, nos prostíbulos de beira do cais, o natural era encontrado.

A impressão, fortemente mostrada, que causou a visão daqueles homens nus, fortes, belos de rosto e corpo e, sobretudo, inocentes, aflora a todo momento no relato de Caminha. O aspecto físico do homem da terra causou verdadeiro espanto e curiosidade aos recém-chegados. Principalmente a diferença dos tipos humanos, então, por eles conhecidos nos contatos com árabes, judeus, negros, indianos e orientais.

Essas impressões que Caminha explicita na Carta são exclusivamente dele ou sofrem a influência de comentários de reuniões, conversas ao pé de ouvido ou disse-que-disse da marinhagem nas vigílias? Se considerarmos positiva a questão, podemos cruzar duas vertentes de importância, consistência e persistente repetição no texto.

A primeira vertente seria o estratégico e constante desarmamento dos homens da terra, pelo português.

Ali acudiram logo obra de 200 homens, todos nus com arcos e setas nas

mãos [...] acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos. E eles os pousaram e não se afastaram muito.

Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que homem lhes queria dar.

Os homens da terra se encantavam com as quinquilharias que recebiam por suas armas. Não atinavam para o fato de que, para fazer um bom arco e setas bem balanceadas, levavam dias para encontrar um bom lenho, cipó fino e forte, e canas bem retas, sem contar com a esmerada confecção.

A segunda vertente seria a de que a lascívia da marinhagem, já há algum tempo sem os prazeres do sexo, motivava as descrições e observações centradas na anatomia feminina exposta inocentemente.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de nós muito bem a olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Centrando-se sempre na anatomia feminina, fornece informações preciosas e com encanto natural, sobre o corpo da mulher da terra comparando-as com as suas na terra distante.

era tão bem feita e tão redonda a sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa que a muitas mulheres da nossa terra vendo-lhes tais feições, fizera vergonha por não terem a sua como ela.

O inconsciente *voyerismo* da marujada e padres com a presença de homens e mulheres da terra, nus, quando da celebração da segunda missa, teria causado constrangimento ou excitação?

Uma mulher moça [...] a qual esteve sempre à missa, a quem deram um pano para que se cobrisse e puseram-lho ao redor de si. Mas ao assentar não fazia memória de o muito estender para se cobrir.

O cruzamento das vertentes explicitadas, não deixará para nos leitores, dúvida alguma de que houve contato íntimo, "transa" mesmo, entre a mulher da terra e o homem do mar. Na medida em que o tempo transcorria, naquela paradisíaca terra de Santa Cruz, a confiança e a intimidade iam aproximando os dois povos. O fato de saber que os da terra já quase não andavam entre eles armados, fez com que os portugueses relaxassem e se divertissem.

Acabado isso, disse o Capitão que fossemos nos batéis em terra [...] e também para folgarmos.[...] E tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre eles.

levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e meteu-se com eles a dançar tomando-os pelas mãos, e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita.

não se lhe ousa falar rijo para mais não se esquivarem, e tudo se passa como eles querem para bem os amansar.

pouco a pouco misturaram-se conosco, e abraçavam-nos e folgavam...

E em tal maneira se passou a coisa que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles onde outros muitos deles estavam com moças e mulheres.

Assim como os portugueses levavam para bordo alguns daqueles homens, o que impediria muitos marinheiros ficarem, à noite, em terra? Ainda mais que acompanhavam a esquadra naus de comerciantes que não tinham obrigações militares de estar sob as ordens do Capitão-mor, assim como a sua tripulação.

ao som de um nosso tamboril, dançaram e bailaram conosco. De maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

Se nós acenávamos se queriam vir às naus, faziam-se logo prestes [...] porém não trouxemos esta noite às naus se não quatro ou cinco.

As constatações levam-nos à dedução, com larga margem de acerto, de que não foram somente dois degredados que ficaram chorando, ou dois grumetes rindo que ficaram na terra; outros, por certo, preferiram enfrentar o desconhecido com os pés no chão, principalmente a marujada recrutada como "voluntária" para a missão e que, provavelmente, passou mal no mar.

Assim, podemos deduzir que, um ano depois, alguns primeiros brasileirinhos fizessem ouvir o seu choro pela natureza. E a terra e a gente que tão bem receberam Cabral estivessem chorando por mortes de males desconhecidos e que não existiam naquele paraíso. Males esses que foram trazidos pelos homens vindos do mar...

Publicado na **Icaro**, Revista de Bordo da VARIG. VARIG Inflight Magazine. N. 188, Abril/April 2000. p. 96 -99